

Patrimônio urbano e o centro histórico de Niterói, RJ

Regina Celia da Silva Costa

Doutora em Literatura Comparada e Mestre em Ciência da Arte. Ambos os títulos foram obtidos junto à Universidade Federal Fluminense. Jornalista e escritora graduou-se em Comunicação Social também pela UFF e especializou-se em História da Arte e da Arquitetura na PUC-RJ. Possui Pós-doutorado pela UERJ. Dedicar-se particularmente a pesquisas e projetos nas áreas de patrimônio urbano e identidade cultural.

Resumo. O presente artigo pretende fazer uma reflexão sobre o patrimônio urbano e seus significados, contribuindo, assim, com a revitalização do centro histórico da cidade de Niterói, RJ. Pretendemos enfatizar como a percepção de seus bens culturais interfere na relação da cidade com seus habitantes, contribuindo ativamente para a promoção de cidadania e da autoestima. A melhora qualitativa dos espaços urbanos torna-se fator preponderante no desenvolvimento da coletividade como um todo. Como núcleo original da cidade, o centro histórico tem papel de grande importância na promoção das referências de memória e da afetividade de seus cidadãos. Torna-se então imprescindível sua recuperação e revalorização.

Palavras-chave. patrimônio urbano, centro histórico, revitalização, bens culturais, cidadania.

Urban heritage and historical center of Niterói, RJ

Abstract. This article aims to reflect on the urban heritage and their meanings, thereby contributing to the revitalization of the historic center of the city of Niterói, RJ. We intend to emphasize how the perception of their cultural property interferes in the relationship of the city with its inhabitants, contributing actively to the promotion of citizenship and self-esteem. The qualitative improvements of urban spaces act as a predominant factor in the development of the community as a whole. As the original core of the city, the historic center has major role in the promotion of memory references and the affection of their citizens. It then becomes essential recovery and revaluation.

Keywords. urban heritage, historic center, revitalization, cultural goods, citizenship.



No Centro Histórico de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, encontram-se bens culturais, materiais e simbólicos que, a despeito de seu acentuado processo de deterioração, ainda permanecem presentes nesse antigo local. Essa área reúne, em alguns quarteirões, mais de quatro séculos de história. Cidade de destaque na região fluminense, Niterói foi capital da província do Rio de Janeiro e, a partir de 1892, do estado que recebe o mesmo nome. Em 1975, com a fusão entre os territórios do Rio de Janeiro e da Guanabara, a capital estadual foi transferida para a própria cidade do Rio de Janeiro. Criada no início do século XIX, ainda na época do Império, a Vila Real da Praia Grande, atual Niterói, obteve através de D. João VI a autorização para configurar seu primeiro modelo de urbanização, que irradiou-se a partir do centro, contíguo à baía, estendendo-se e ampliando-se nas décadas seguintes, até seu perímetro definitivo. (Fig. 1).



Fig. 1. Perímetro atual do chamado Centro Histórico de Niterói, 11,35X14,10cm.

Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.

Niterói, como tantas outras cidades brasileiras, formou-se a partir de um centro e desenvolveu suas principais atividades econômicas e administrativas nessa área inicial. Um ambiente rico e diverso chega aos nossos dias onde, ao lado de construções importantes, convive também uma arquitetura mais modesta, composta principalmente pelo casario construído no final do século XIX e inícios do século XX. Monumentos históricos e singelas construções promovem convivências.

A melhora qualitativa dos espaços urbanos constitui-se em fator preponderante no desenvolvimento da coletividade e na promoção de riquezas, com destaque para as esferas econômica, social e cultural. Nesse contexto, a



revitalização do centro da cidade de Niterói se faz absolutamente necessária e abrange uma reflexão sobre seu Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, bem como a percepção, por parte de seus habitantes, de elementos de integração e pertencimento. Esse fluxo incessante entre o espaço urbano e os percursos de seus cidadãos acaba por proporcionar uma relação que repercute no imaginário local e reforça a promoção de cidadania, e autoestima. Instauram-se marcos afetivos, estéticos e históricos e, assim, a memória da cidade pode e deve ser apreendida como realidade humana, sentida e amada.

2. Patrimônio e Identidade

Rio de Janeiro e Niterói são cidades que há muito mantêm destinos interligados, ao mesmo tempo unidos e separados pela baía de Guanabara. Guardam desde a época de Araribóia - chefe indígena que lutou ao lado dos portugueses pela expulsão definitiva dos franceses da baía, em 1555, e que ganhou como recompensa as terras niteroienses - uma constante relação política, econômica e cultural que se aprofundou de forma mais intensa a partir do Império e que, ainda hoje, se encontra definitivamente presente.

O Velho centro cívico e de negócios da cidade, em plena atividade econômica é a porção maior a ser preservada. Nele a memória da velha capital fluminense de antes da fusão funciona como um resumo – como todo centro da cidade que se preze – da cidade inteira. E é assim compreendido como instrumento de preservação da própria imagem da cidade para os niteroienses. Eu quero dizer que a manutenção do bairro do Centro, como centro da cidade é a única garantia fundamental da manutenção de Niterói como cidade. Que se Niterói perder (no seu imaginário mítico e cultural o *seu* centro, ficará na órbita do centro do Rio... terá virado subúrbio [...]” (ROCHA-PEIXOTO, 1997, p. 224).

Deve-se, sem dúvida, procurar reforçar o sentimento de identidade de Niterói para impedir que um movimento de suburbanização possa acontecer, trazendo assim uma descaracterização e um esvaziamento da memória e do prazer da experiência da cultura local. Consequentemente, a sensação de não pertencimento e as lacunas presentes na integração com o próprio espaço urbano acarretariam a falta do bem-estar, de uma relação de baixa autoestima com a própria cidade. As relações entre patrimônio, monumento e identidade devem certamente ser mediadas por sua função no interior da realidade social, por sua repercussão no tempo vivido e com seus significados atuais, e não limitadas puramente a discussões de ordem estética ou historicista.

O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e



artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento. (CHOAY, 2001, p. 18)

Evidentemente, em muitas situações, o tombamento oficial se impõe como uma necessidade. Ele ao mesmo tempo permite à cidade preservar e ao mesmo tempo reconhecer elementos de sua própria cultura. Este é o caso de edificações como a Praça da República (Fig. 2) e dos prédios em seu entorno, o Palácio Araribóia (Fig. 3), antiga prefeitura da cidade, ou ainda o Teatro Municipal de Niterói (Fig. 4), totalmente restaurado, em 1985, entre outros exemplos. Esse reconhecimento é importante na medida em que é ele que proporciona resistência ao movimento de absorção de uma grande metrópole como o Rio de Janeiro.



Fig. 2. Praça da República e seu entorno, 11,10 x 14,82 cm.

Fonte: FOTO DE FRANCISCO CHALRÉO, 2013.



Fig. 3. Palácio Araribóia, antiga Prefeitura Velha, 11,11 x 14,82cm

Fonte: FOTO DE FRANCISCO CHALRÉO, 2013.





Fig. 4. Teatro Municipal de Niterói, totalmente restaurado, 11,11 x 14,82cm.

Fonte: FOTO DE FRANCISCO CHALRÉO, 2013.

Se considerarmos que o Centro Histórico de Niterói inaugurou de fato sua condição de cidade e contribuiu de forma decisiva para seu desenvolvimento político, econômico e social, questionamos, contudo, se ele ainda mantém um valor afetivo, simbólico e de fruição para seus cidadãos. A despeito de seu estado de degradação, da atividade comercial de rua em decadência, da deterioração dos prédios antigos e do fluxo de pessoas e veículos totalmente caótico, devemos analisar se aqui ainda se cumprem funções não apenas práticas, mas sim significativas para a coletividade. (Fig. 5).



Fig. 5. Centro deteriorado: poluição visual na rua Marechal Deodoro, 14,82 x 11,11cm.

Fonte: FOTO DE DAYSE CAMINHA, 2013.



Se esses espaços ainda permanecerem ativos no imaginário local, se, a despeito de suas ruas mal cuidadas e seus prédios em ruínas, ainda suscitam emoções, podemos inferir que tecem e repercutem significados, constituindo-se em elementos importantes na formação da cidadania. Eles ativam vínculos de pertencimento.

Essas velharias que parecem dormir, casas desfiguradas, fábricas desativadas, cacos de histórias naufragadas, elas ainda hoje formam as ruínas de uma cidade desconhecida, estranha. Irrompem na cidade modernista, cidade de massa, homogênea, como os lapsos de uma linguagem que ninguém conhece, quem sabe inconsciente. Elas surpreendem (CERTEAU, 1996, p. 190).

Não basta que uma legislação municipal indique áreas de preservação. É preciso que se encontrem instrumentos para que ela não se torne apenas uma herança incômoda do passado, mas que integre o planejamento global da cidade. E, assim possam se corresponder com todas as esferas do espaço urbano e desempenhar um papel ativo no plano simbólico da cidade e de seus cidadãos. Torna-se imprescindível uma participação dos cidadãos sinalizando os espaços de inclusão – ou exclusão – dos bens patrimoniais e é importante, no âmbito das políticas públicas, perceber que a utilidade dos recursos e das riquezas encontra-se no âmbito das coisas que nos permite fazer.

Existe um inescapável problema valorativo na decisão do que se deva escolher se e quando acontecer de algumas partes da tradição não puderem ser mantidas juntamente com as mudanças econômicas e sociais que possam ser necessárias por outras razões. Essa é uma escolha que as pessoas envolvidas têm que enfrentar e avaliar (SEN, 2010, p. 49).

Reiteramos, entretanto, que sem preservação e mobilização dos agentes sociais, políticos e econômicos, a tendência é a sujeição desses espaços a outras prioridades que os aniquilem ou os descaracterizem por completo. Essa complexa urdidura de tecido urbano particular, capaz de atender a cidade e seus cidadãos, certamente não exclui os movimentos de hibridização contemporâneos que atravessam o mundo globalizado. Contudo a mobilização em direção a uma identidade particular e autônoma não pode deixar incluir também o envolvimento da comunidade a qual dirige o sentido de sua própria existência.

Sabemos que, de alguma forma, sempre se procurou resguardar alguns exemplos da tradição presentes nas cidades, ainda que apenas através da conservação de certos monumentos ou áreas específicas. No centro histórico de Niterói, alguns exemplos apontam nessa direção e entre eles podemos citar a Estação das Barcas, na Praça Araribóia. Síntese da ligação por via marítima entre



as duas cidades – Rio de Janeiro e Niterói – foi e ainda é fundamental para o crescimento econômico e social, por atrair um grande fluxo de pessoas e negócios. Além disso, esse transporte inaugurado há 170 anos encontra-se até os dias de hoje ligado profundamente à memória e aos usos da cidade e de seus cidadãos. Por aqui a sociedade movimenta-se e articula-se intensamente. (Fig.6).



Fig. 6. Fluxo de pessoas no centro da cidade, 11,11 x 14,82cm.

Fonte: FOTO DE ADRIANA SCHUELER, 2014.

Outros espaços correspondem ao tema da vocação comercial do centro da cidade nos leva a assinalar a presença e a importância dos lojistas para o desenvolvimento econômico e para a preservação da memória da cidade. Eles cumprem o papel de manter tradições não apenas no aspecto comercial – o comércio de rua – mas também na ambiência do espaço urbano, do percurso do olhar pela cidade, de seus valores, usos e costumes.

Existe um desejo aparente, por parte das pessoas que vivem em determinados lugares, de conservar ou de implementar edificações, pelo menos em seus espaços públicos, que expressem aquela localidade particular na qual elas vivem. Essas edificações velhas parecem ter inúmeras características: solidez, já que sobreviveram às guerras, erosões, empreiteiros, planejamento urbano, etc.; autoridade, pois significam que a idade e a tradição são dignas de preservação; e artesanato já que foram construídas recorrendo a técnicas e materiais pré-modernos subestimados (URRY, 2001, p. 170).

Reafirmamos, entretanto, que sem preservação e mobilização dos agentes sociais, políticos e econômicos, a tendência é a sujeição destes espaços a outras prioridades que os aniquilem ou os descaracterizem. Não podemos deixar de chamar atenção para prática midiática contemporânea e o fascínio sobre o imediato, contribuindo profundamente para perda de sentido histórico e identitário.



3. Revitalização, cidadania e autoestima

Eventos de grande porte como a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, programadas para o próximo ano no Rio de Janeiro, já mobilizam a cidade e certamente terão repercussão sobre os centros urbanos mais próximos. Embora o foco principal seja as competições esportivas, naturalmente a esfera cultural trará uma enorme contribuição para a exposição dessas áreas. Sabemos que o turismo tornou-se um desdobramento da cultura nas sociedades contemporâneas e eventos, como os citados acima, contribuem significativamente para o *status* e, claro, o aumento de fluxo turístico.

Tomando-se como referência a relação entre desenvolvimento urbano, patrimônio e identidade social, pode-se colocar em evidência as dinâmicas locais, culturais e econômicas que se desenrolam nessas esferas. No cenário contemporâneo da cidade de Niterói encontra-se presente, de forma indelével, a deterioração de centro histórico. Paradoxalmente, acreditamos que o processo de modernização da cidade não deveria passar necessariamente pela exclusão de sua memória, de seus velhos percursos e da decadência das antigas edificações. O antigo e o moderno oferecem uma tessitura única e saborosa, tanto para seus cidadãos, quanto para seus visitantes.

Ao tentar escapar do viés exclusivamente nostálgico que certos locais possam vir a ter e avaliá-los pelo potencial simbólico, existe a possibilidade de criar no interior do espaço urbano, lugares luminosos de existência, prazerosos, que contribuam para manutenção e preservação da autoestima, inclusão e cidadania. O espaço contemporâneo evidenciado pelo Caminho Niemeyer, edificado em toda orla do centro da cidade, até o Museu de Arte Contemporânea pode oferecer uma nova perspectiva ao antigo espaço urbano, resgatando a memória e a autoestima da sociedade em relação a um passado que ainda pode oferecer significados, onde o Centro Histórico teve importância decisiva no processo de desenvolvimento e de criação de uma atmosfera onde estiveram presentes manifestações culturais peculiares da cidade. (Fig. 7).

No interior do espaço urbano, a arquitetura, os usos e os trajetos desempenham o importante papel no imaginário de uma determinada comunidade. Sendo assim, a cidade é o produto multifacetado de histórias, memórias, circuitos e imagens que se manifestam e que de alguma forma se expressam e oferecem um sentido a um determinado grupo social. A necessidade de revitalizar o centro da cidade encontra-se relacionada à identificação de bens culturais que são alvo



do olhar dos cidadãos que por ali transitam. Para isso torna-se premente detectar quais desses bens ainda possuem uma aura, uma repercussão no imaginário que correspondam a um sentido legítimo de patrimônio e, portanto, de formação identitária.



Fig. 7. Praça Araribóia, 14,82 x 11,11cm. Fonte: FOTO DE FRANCISCO CHALRÉO, 2013.

Mapeando esses espaços seria possível contribuir com a municipalidade, no sentido de uma política de preservação patrimonial que possa efetivamente interpretar os limites e o sentido concreto e imaginário desse centro da cidade. Se for o caso, torna-se necessário redefini-los, oferecendo novos usos aos edifícios e áreas preservadas, em favor de uma verdadeira correspondência entre a cidade e o cidadão. Patrimônio, revitalização e cidadania podem intervir no espaço público privilegiando as áreas que efetivamente ocupam um lugar na alma do niteroiense.

Em meio à recessão global, políticos, economistas, sociólogos, ambientalistas e a comunidade científica, como um todo, buscam respostas para equacionar o desenvolvimento econômico desenfreado preconizado pelo neoliberalismo, frente às liberdades reais e ao bem-estar social. A melhoria da qualidade de vida da sociedade, a despeito do enriquecimento econômico nacional, continua se deteriorando, enquanto o apelo ao consumo não oferece trégua, nem tampouco sinais de esmorecimento. Sendo assim, o desenvolvimento deveria também incluir a percepção de felicidade, cidadania e identidade social da coletividade no interior de suas próprias cidades. Nestes locais onde habitam e desenvolvem suas atividades cotidianas, as pessoas perfazem caminhos e circuitos e se deparam com elementos que lhes despertam, ou não, significados atualizados.



Cultura e comércio estão indissolivelmente interligados na pós-modernidade. Se as identidades sociais são construídas por meio da troca de valores e diversidades culturais, temos então sinais de que existe a possibilidade de outros espaços se beneficiarem da convergência da recuperação do tecido urbano e da atividade econômica advinda do turismo. Seja ele em massa, ou segmentado como o turismo cultural. Caberá, entretanto à interlocução, entre a sociedade, o poder público e à atividade empresarial a possibilidade real de definir os termos da equação para que desenvolvimento econômico e inclusão social sejam otimizados. Em um mundo cada vez mais complexo essas questões devem ser examinadas de forma não isolada ou fragmentada. A conexão entre patrimônio e identidade é de relevância crucial para o processo de revitalização do centro histórico de Niterói e sua reintegração qualitativa ao espaço urbano da cidade.

4. Considerações finais

Rio de Janeiro e Niterói são cidades que há muito mantêm destinos interligados. Ao mesmo tempo unidas e separadas pela baía de Guanabara vêm guardando, desde a época de Araribóia até os dias de hoje, uma constante e intensa relação política, econômica e cultural que se aprofundou e modificou. Contudo, torna-se vital para nossa cidade reforçar o sentimento de identidade cultural com o intuito de impedir que um movimento de suburbanização possa acontecer, trazendo assim a descaracterização e o esvaziamento da memória e da tradição local.

Se Niterói perder o Centro e seu imaginário mítico e cultural, ela mesma terá virado subúrbio. Deve-se, então, procurar afirmar a cidade como culturalmente autônoma. Isso inclui preservar suas próprias imagens e memórias. Numa rara composição urbanística o Centro da cidade reúne o antigo e o contemporâneo – o Caminho Niemayer – que, de forma muito próxima e especial, tangenciam-se. Esse diálogo arquitetônico e espacial oferece à cidade um diferencial único e peculiar para seus cidadãos, favorecendo e promovendo, inclusive, o turismo cultural.

Desviando o olhar dos notórios monumentos históricos, palácios ou igrejas e dirigindo-o para prédios menos conhecidos, pequenos edifícios e sobrados, como os encontrados nas ruas do centro histórico da cidade, torna-se possível desvendar convivências interessantes entre os espaços e seus usos em diferentes épocas. Não se trata de impedir as mudanças, mas de reconhecer e preservar os valores culturais e afetivos da cidade, o que só é possível com a



valorização de seu centro histórico. Evidentemente há sempre uma relação difícil entre o antigo e o novo da cidade, mas é através da explicitação dessa relação que se pode recuperar o vínculo e o sentido entre os espaços urbanos e a experiência de vida de seus indivíduos. Assim, áreas carentes de significado podem adquirir novos usos e significações a partir do preenchimento dos espaços de existência. Somente assim se tornaria possível conciliar os afazeres da vida cotidiana com a sensação de bem-estar e pertencimento e tão cara aos cidadãos.

O centro de Niterói abriga a maior parte do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da cidade. Sua revitalização torna-se prioritária, pois essa importante área precisa ser urgentemente recuperada. Faz-se necessário atualizar esses espaços de forma que permitam a nós, niteroienses e visitantes vivenciarem experiências satisfatórias e acolhedoras. Afinal, são os cidadãos que atribuem valores e significados aos locais e prédios por onde passam, são eles que constituem as relações que integram esses lugares físicos a espaços afetivos e certamente serão eles que irão repercutir entre o passado e o presente, os marcos e as memórias dos lugares em que habitam. As coisas antigas podem se tornar surpreendentemente importantes. Maravilhas inusitadas se escondem no cotidiano da cidade e somente uma recuperação estratégica e sustentável do centro histórico pode trazê-las à tona novamente.

Referências

ARGAN, G. C. *História da Arte como História da Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CASADEI, Thalita de Oliveira. *Páginas da História Fluminense*. Niterói: Casa do Homem de Amanhã, 1971.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CIDADE DE NITERÓI. MEC/Secretaria Municipal de Cultura de Niterói. *Niterói: Patrimônio Cultural*. Niterói: Niterói Livros, 2000.

CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Cultura/DGPC. *Cadernos do Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura do



Rio de Janeiro/ DGPC, 1992.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.

MARTINS, Ismênia de Lima Martins (org.). *Cidade múltipla*: temas de história de Niterói. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1997.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, José Antônio Soares de. *Da Vila Real de Praia Grande à Imperial Cidade de Niterói*. Niterói: Funiarte, 1976.

URRY, John. *O olhar do turista*: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Nobel: SESC, 2001.

WHERS, Carlos. *Niterói cidade sorriso*: a história de um lugar. Rio de Janeiro, 1984.

Artigo enviado em janeiro de 2015. Aprovado em abril de 2015.

